



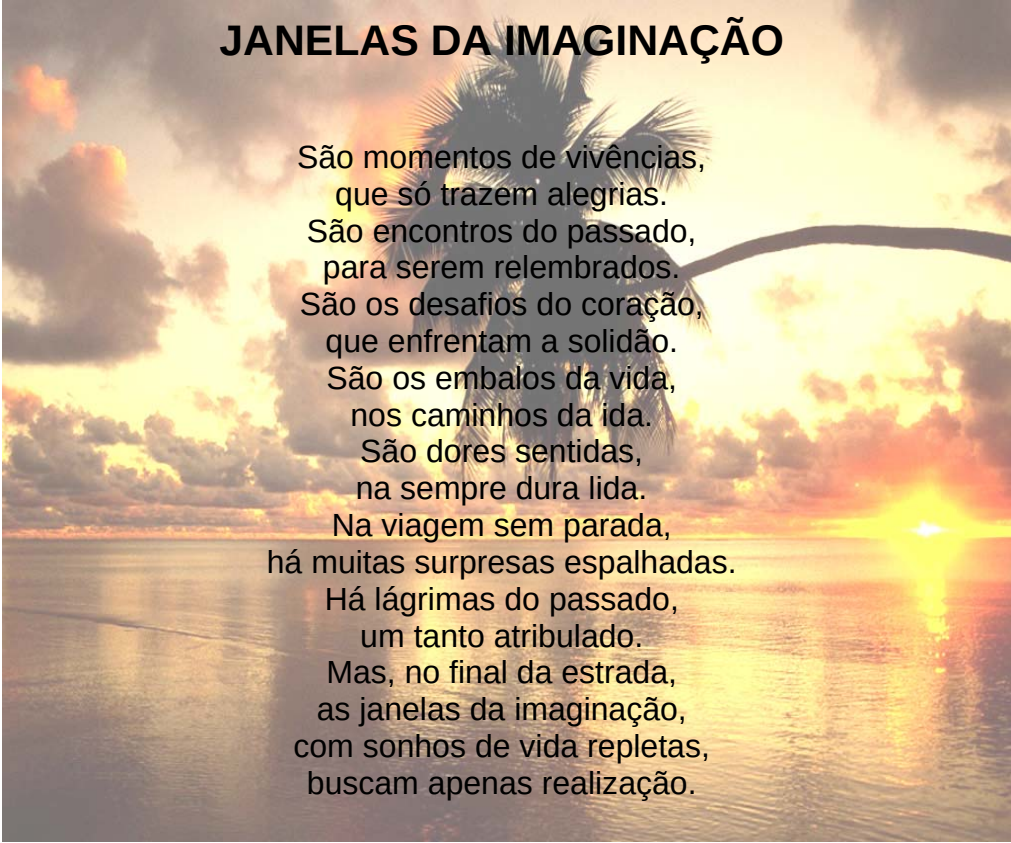
**Maria Beatriz**



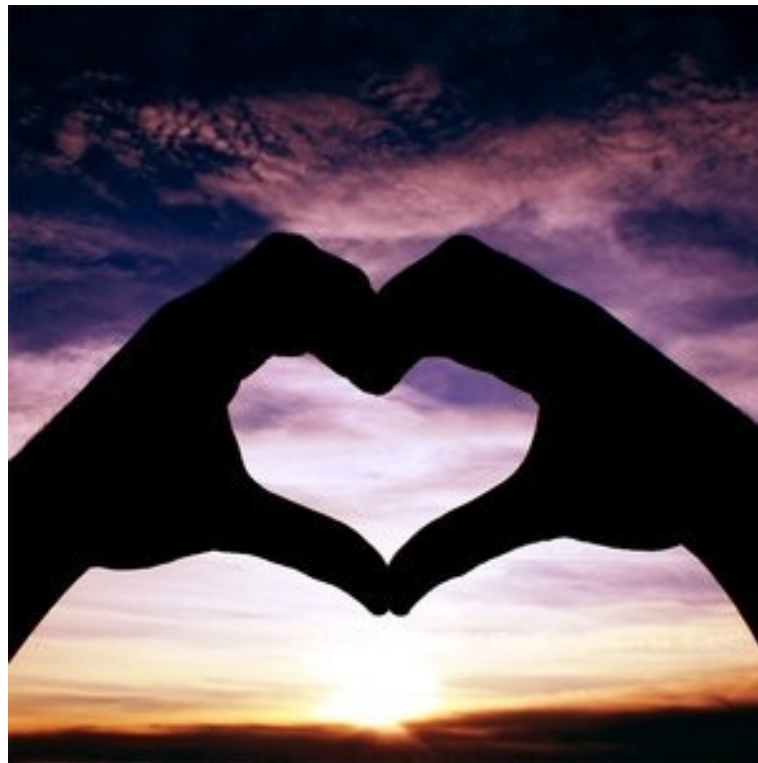
***“Põe luz em tua jornada,  
pois, o que importa na vida,  
não é o tamanho da estrada,  
mas como foi percorrida.”  
Maria Helena C. M. Duarte***

dezembro 2011

## JANELAS DA IMAGINAÇÃO



São momentos de vivências,  
que só trazem alegrias.  
São encontros do passado,  
para serem lembrados.  
São os desafios do coração,  
que enfrentam a solidão.  
São os embalos da vida,  
nos caminhos da ida.  
São dores sentidas,  
na sempre dura lida.  
Na viagem sem parada,  
há muitas surpresas espalhadas.  
Há lágrimas do passado,  
um tanto atribulado.  
Mas, no final da estrada,  
as janelas da imaginação,  
com sonhos de vida repletas,  
buscam apenas realização.



A todos que percorreram  
as janelas de minha imaginação:  
os que partiram: pais e marido inesquecíveis;  
filhos e netos eternamente amados;  
irmãos e familiares muito estimados;  
amigos queridos que me apoiaram.  
Em meu coração estão guardados  
e sempre serão lembrados.





## ALGUMAS PALAVRAS

Escrevo por prazer,  
sem nada pretender.  
Apenas por gostar  
e tanto me equilibrar.  
São frutos de vivências  
e, também, de experiências.  
São repletos de motivação  
de um grupo do coração.  
são temas desenvolvidos  
de propostas sugeridas  
na “Oficina de Criatividade”,  
em que há muita atividade.  
E, assim, de nossos encontros,  
envolvidos de encanto,  
dez livros já foram escritos.  
Só para recordar,  
os títulos vou citar:  
“Pedaços do coração”  
“Menina de olhos da noite”  
“Encantamento”  
“Entardecer”  
“Folhas de outono”  
“Recantos encantados”  
“Gotas de orvalho”  
“Passagens”  
“Estradas da vida”  
“Paisagens sonhadas”

## ÍNDICE

|                                             |    |
|---------------------------------------------|----|
| <b>POEMAS</b> .....                         | 7  |
| MOMENTOS .....                              | 8  |
| ENCONTRO .....                              | 9  |
| DESAFIOS DE UMA VIDA... ..                  | 10 |
| SOLIDÃO.....                                | 12 |
| EMBALO... DE NINAR? DE SONHO? DE VIDA?..... | 13 |
| TROVAS E HAICAIS .....                      | 15 |
| TROVA .....                                 | 16 |
| HAICAI .....                                | 16 |
| PROSA .....                                 | 17 |
| SURPRESAS DO CAMINHO .....                  | 18 |
| UMA VIAGEM ATRIBULADA.....                  | 20 |
| O FINAL DA ESTRADA DA VIDA .....            | 22 |
| LÁGRIMAS DO PASSADO .....                   | 24 |
| ZÉ BARRIGUDINHO E A GARÇA BRANCA .....      | 25 |



## MOMENTOS

Álbuns de fotos  
Recordações  
Momentos idos  
Pedaços perdidos  
Apagados, esfumaçados  
Passados  
Revejo paisagens  
Um casal  
Mãos entrelaçadas  
Olhos brilhantes  
Vestido rosa  
Cabelos soltos, negros  
Jovem enamorado  
Mocidade, sonhos  
Projetos agora  
Esperança no depois  
Enlaçados  
Em um finito infinito  
Poeiras de um caminho  
Esfumaçado  
Na brevidade da vida



## ENCONTRO

Praça da República,  
tarde ensolarada de primavera,  
árvores frondosas, floridas,  
biblioteca, quebrando o verde,  
sombras dançantes,  
no meio dos reflexos do sol.

Ele, com seu elegante terno cinza claro,  
sapatos lustrosos, óculos escuros, sorridente.

Ela, com seu conjunto azul,  
enfeitado com seu longos cabelos, negros e lisos,  
Olhar de felicidade...

Encontram-se, se abraçam carinhosamente.  
De mãos dadas, caminham entre a folhagem espalhada.

Sobem, vagorosamente, as escadas  
da lanchonete costumeira, "Ma Chérie".

A mesinha de sempre os esperava,  
com sua toalha rendada  
e um vaso de margaridas campestres.

Não há necessidade de pedidos,  
o garçom já sabe o que desejam,  
o mesmo de sempre:

"Uma brioche de queijo e milk-shake".

Olham-se enamorados,  
fazem planos para o futuro.

Nada mais existe, a não ser eles,  
seus sonhos, sua felicidade, seu amor  
faz tanto tempo,  
parece que foi ontem...

## DESAFIOS DE UMA VIDA...

Lá está ela...  
Miudinha, olhos grandes,  
cabelos claros, finos.  
Sempre bem-vestida,  
Nunca deixou de se arrumar:  
Um pó nas faces, um batonzinho discreto,  
um colarzinho para enfeitar-se,  
unhas feitas...  
Sua aparência nos encantava.  
Cheia de vida, jamais recusava um passeio,  
um lazer com os filhos e mesmo a assistir  
algum filme bom, ou algum programa da TV.  
Nunca teve vícios.  
gostava de coisas saudáveis: natação, ginástica  
uma caminhada.  
Comia, nas horas certas, alimentos saudáveis, como:  
Verdura, legumes, frutas as mais variadas.  
Dormia e levantava-se cedo, como dizia: “com os passarinhos”.  
Sua casa era um primor: tudo em ordem,  
cheirando limpeza, além do bom gosto  
na decoração: móveis bem escolhidos,  
quadros de pintores famosos.  
De que mais gostava?  
Ler e escrever.  
Aliás, tinha talento:  
Fazia trovas, hakai, contos, crônicas.  
E, por vezes, era premiada em “Concursos Literários”.  
De repente, a visão começou a apagar-se.  
Sem lamento, enfrentou o diagnóstico:  
Degeneração da mácula, caminho, talvez, para a cegueira.  
Corajosa procurou a cura.  
Enfrentou cirurgia,

Na esperança de vencer essa debilidade.  
Contudo a visão cada vez mais diminuía.  
Usava lentes para ampliar as letras,  
ganhou uma televisão com tela maior.  
Não deixava de ir ao cinema, ou ouvir alguma palestra,  
e assistir à missa todos os domingos e dias santos.  
Caminhava sozinha, até atravessava ruas movimentadas.  
Pensava em seus textos e alguém escrevia para ela,  
sem orgulho, pedia para lerem para ela.  
Mesmo com essa limitação, chegou a publicar um livro.  
Para garantir o futuro, procurou a Fundação Norina Nowel,  
a fim de aprender o braile.  
Tristeza, nem de perto  
só sorrisos para todos.  
E, em seu pensamento, acreditava:  
“Ora, irei vencer essa batalha.”  
E venceu ao deixar para seus filhos  
e família um rastro luminoso,  
envolto de pensamentos positivos,  
envolto de um falar meigo,  
onde jamais houve queixas,  
revoltas, mágoas, choros,  
contornando, com mestria,  
os desafios da vida...

## **SOLIDÃO**

Areia  
Poeira espessa  
Ar seco  
Paisagem descolorida  
Sem verde  
Sem sombra  
Vazia  
Minha alma chora  
Onde estão todos?  
Procura em vão  
Olho o infinito  
Nada encontro  
Apenas solidão  
Silêncio  
Sem vozes  
Sem companheiros  
Nada a compartilhar  
Deserto de uma vida...

## EMBALO... DE NINAR? DE SONHO? DE VIDA?

Mas que linda canção,  
entoada pela mãezinha,  
ao adormecer seu bebê.  
Tento desajeitadamente acompanhá-la,  
chiando bem baixinho,  
com meus enormes braços.  
Neste momento, de meu berço relembrei-me:  
Nasci numa densa floresta,  
do outro lado do mar.  
Aos poucos, fui crescendo:  
Enormes galhos surgiram,  
cobertos de verdejante folhagem.  
Por vezes, em revoada,  
pássaros, os mais diversos,  
pousavam em minha ramagem,  
encantando-me com suas melodias.  
Os dias corriam tranquilos:  
Ora com raios de sol, ora com brilho de estrelas.  
Até que ouvi vozes diferentes dos cantos das aves.  
Olhei e assustei-me: pisavam duro, falavam grosso,  
e seguravam algo cheio de dentes pontudos.  
Alguém, afagando meu tronco, chamou os demais:  
“Linda madeira, jamais vi torneados iguais  
e, por sua vez, exala um aroma perfumado...  
Sem dúvida, é o que procurávamos, uma preciosidade.  
Está escolhida, mãos à obra, podemos serrá-la.”  
Senti enormes dores  
e minhas folhagens formavam tapetes pelo chão.  
Após, fui colocada em um lugar escuro  
e transportada para um local, onde havia muita gente.  
Um velhinho de olhar bondoso, pegou-me  
e suavemente me disse:  
“Não chore mais, você será transformada  
em uma linda cadeira-de-balanço:

Suas rodas serão feitas com madeira arredondada,  
seus braços terão um círculo artístico,  
seu assento terá uma palhinha toda entrelaçada.  
E servirá para embalar o sono dos anjos,  
os sonhos das jovens e as lembranças dos velhinhos.  
E, assim foi...

Um dia, atravessei os mares  
e fui parar na casa de uma bondosa senhora:  
Balançando minhas rodas, tecia mantas, malhas...  
E tudo que se possa imaginar.  
Tratava-me com carinho:  
Passava óleo em minha madeira  
para que ficasse sempre lustrosa...  
De repente, partiu.  
um jovem, muito simpático, levou-me.  
Estudioso, sentava-se em minha palhinha,  
lendo livros grossos avermelhados.  
De vez em quando, para recordar minha antiga dona,  
punha-me a balançar.  
Ele observava-me e de seus olhos  
escorriam lágrimas...  
Para terminar a saudade, deu-me  
para uma jovem senhora, com cabelos longos.  
Novamente, atravessei os mares  
e cá estou a embalar a mamãe e seu bebê.

*Vou pra cá, vou pra lá..  
Sou balança de ninar,  
sou memórias no tecer  
sou sonho de vida  
nessa lida só de ida...*



# TROVAS E HAICAIS



## TROVA

Hoje, tenho a esperança  
de encontrar um grande amor.  
Pois só guardo, na lembrança,  
momentos cheios de **dor**.

**Sonho de felicidade,**  
Repleto de uma ilusão,  
de encontrar nesta idade,  
um amor no coração.

Trago n'**alma uma ferida**  
de alguém que já partiu.  
Eternamente querida,  
como ninguém nunca viu.

Foi **alguém inesquecível,**  
neste mundo dolorido.  
Pois era muito sensível  
e em todo canto querido.

## HAICAI

Folhas pelo chão,  
espalhadas pelo **vento**.  
Que triste estação... (outono)

**Caminhada ao sol.**  
Natureza só calor...  
N'alma uma alegria.  
(verão)

Foi um **longo inverno**.  
Dentro de meu coração  
chuva só de frio... (inverno)



## SURPRESAS DO CAMINHO

Eram quase oito horas da noite. Eu ainda estava na cidade. Infelizmente, demorei para saldar pagamentos e resolver os problemas bancários.

O ônibus não vinha. O “Parque da Lapa” sempre foi demorado, que fazer?

A chuva miúda começava a cair. Ainda mais essa!! No ponto, havia apenas um senhor, que, para se proteger da chuva, levantou a gola do paletó e enfiou as mãos no bolso da calça. Delicadamente, falou: “Boa-noite senhora! Se a condução não chegar logo, ficaremos ensopados, apesar da proteção.”

Assustei-me, incrível! A voz era a mesma, suas feições apresentavam uma semelhança espantosa com alguém muito querido, e, por coincidência, hoje, exatamente hoje, completaria quarenta e oito anos de casamento.

As recordações vieram à tona: o sonho iria se realizar: ele, um moço de coração de ouro, gentil, trabalhador. Sempre enfrentou os desafios da vida com coragem, auxiliando com seu pequeno salário todos que o rodeavam. Eu, tão feliz, tinha certeza de que tudo iria dar certo em minha vida.

Lembro-me como se fosse hoje: igreja enfeitada, cerimônia simples, às dez horas da manhã e um almoço apenas para os familiares e padrinhos. Sentia-me uma princesa no meu maravilhoso vestido de noiva, miosótis na grinalda, que ornavam meus longos cabelos pretos. Lá estava ele no altar: muito jovem, com um sorriso nos olhos e no coração.

E assim nos unimos: lua-de-mel em Santos, no apartamento de papai. Depois, iríamos direto para o nosso lar, já mobiliado, arranjado para nos receber... E, assim, começamos nossa nova vida... Vieram os filhos, ele progrediu profissionalmente: formou-se em Direito, seguindo a carreira da magistratura e, mais tarde, de professor de Direito Penal.

Honesto em tudo que fazia, batalhou para nos dar o conforto necessário. Mas tudo foi muito rápido em sua vida. E, um dia partiu, deixando por onde passou um rastro luminoso não só de sabedoria, mas principalmente de bondade.

Meu Deus! O tempo passou e não senti por estar completamente absorva em meus pensamentos. Mas, onde está aquele senhor? Desapareceu no meio da garoa cinzenta que caía no centro. O ônibus finalmente vem vindo.

Caí na realidade... Talvez fosse “ele” que estivesse ali. Mostrando-me que nunca me deixou.

*Lágrimas brotaram  
de momentos passados.  
Sempre lembrados,  
jamais apagados...*

## UMA VIAGEM ATRIBULADA

Mês de julho.... Na época, morávamos em Campinas, numa casinha térrea, pequena, mas com muito quintal e um vasto alpendre envidraçado, sem dúvida, excelente para quem tem quatro filhos pequenos.

Era período de férias. Meu marido resolveu fazer uma viagem conosco através das cidades históricas mineiras: Tiradentes, Mariana, Ouro Preto.

Há muito tempo desejava conhecê-las, só as tinha visto através de revistas de viagem, mas com quatro crianças, a menor, com cinco anos e a mais velha, com dez, seria tudo difícil. Contudo valia a pena tentar. Demorei quase uma semana para fazer as malas. Chegou, enfim, o grande dia. Ainda bem que o carro era espaçoso, uma “Caravan”, para caber tudo que teríamos que levar.

Fiz o “Nome do Padre” e lá fomos nós. Imaginem, um dos meninos inventou de levar seu violão, outro, seu enorme caminhão, e a garota, a mais velha, sua flauta inseparável. Que fazer?

Mal pegamos a estrada, o pequeno disse: “Manhê, quero fazer xixi”, o outro, “tou com sede”, a outra, “tou com sede”. Para satisfazê-los e descansar um pouco, paramos em um restaurante à beira da estrada. Nem havia necessidade disso, pois havia levado uma matula com tudo que se tem direito: sanduíches, água e tudo mais. Enfim... Com pequenos é assim mesmo. Haja paciência.

Após várias horas de viagem, todos perguntavam, “está perto? Falta muito?”

Não é que para completar, pegamos uma tempestade numa estrada montanhosa, toda curva, que mal cabia um carro. Infelizmente, não tínhamos onde parar, o caso era arriscar e continuar.

Nessas alturas, o pequeno chorando dizia, “Manhê, tou com enjoo”. E, pumba, pôs tudo para fora, em cima de todos nós.

Sujos, cansados, avistamos ao longe a cidadezinha de “Tiradentes”, procuramos um hotel, que não fosse muito caro. Por sorte, no primeiro em que paramos, a hospitalidade foi tanta, que ficamos por lá. Os donos seguravam as crianças no colo, os funcionários davam a mão para os maiores, não se incomodaram com o cheiro de todos, e até nos consolavam, dizendo, “com pequenos a coisa é assim mesmo. Um bom banho e uma sopa saborosa faz sarar tudo”.

E, assim, passamos momentos gratificantes naquele lugar que exalava nossa história.

*Momento de bonança,  
De um passado já ido.  
Repleto de um colorido  
De uma eterna lembrança...*

## O FINAL DA ESTRADA DA VIDA

Relia, novamente, o conto de Guimarães Rosa, “A terceira margem do rio.”

Não sei por que, desta vez, ele me deixou pensativa, confesso que mexeu comigo.

Voltei ao passado, certos fatos afloraram como os tivesse vivendo hoje.

Lembrei-me dos últimos aniversários de papai. Eu e meus irmãos revirávamos as lojas em busca de algum presente, que pudesse agradá-lo e, no grande dia, lá estávamos nós com livros, cachecóis, agasalhos, meias e caixas de bombons, acompanhadas dos famosos torrones, que adorava.

Mas que surpresa! Na hora da despedida, ele nos chamava num cantinho e, delicadamente, devolvia a lembrança, dizendo-nos: “Leve e dê para algum filho, já tenho tudo de que necessito, penso que será mais útil para ele”.

Outros momentos semelhantes foram surgindo. Mamãe, que nos Natais, embrulhava, com esmero, alguma peça ou jóia de estimação e nos dava com um sorriso terno, falando carinhosamente: “Você merece isso que lhe estou presenteando. Tenho certeza de que terá todo cuidado com esse mimo”.

Minhas madrinhas, ambas encantadoras, me passaram coisas muito lindas e preciosas. Uma delas, um dia, colocou-me, nas mãos, uma estatueta maravilhosa, sussurrando em meu ouvido: “Beatriz, esta é “a Beatrice de Dante”, sua musa inspiradora e aqui está “A Divina Comédia”, para você ler, mais tarde, e compreender o que ela significou para o autor”.

A outra, excelente pintora, fez uma enorme surpresa em meu casamento: passou meses e meses pintando um aparelho de porcelana para oferecer-me como presente de núpcias.

Eu, também, há alguns anos, dei para minha filha um colarzinho de pérola, que papai havia me presenteado, quando completei quinze anos.

Quantos momentos afloraram nesta reflexão. Aos poucos, vamos nos desligando de tudo. Nosso interesse é bem maior: desejamos o bem-estar dos que nos cercam e encontrar, talvez, aqueles que tanto amamos.

*“Vida, vida, travessia,  
Em tudo nos desafia.  
Aos poucos, desligamos  
Dos bens que estimamos.”*



## **LÁGRIMAS DO PASSADO**

Olho pela janela de meu quarto. Noite alta, sem estrelas... Apenas um aroma de mato envolvendo o ambiente. Tudo silencioso, sem o barulho costumeiro da cidade grande.

Sem querer, visualizo cenas do passado: minha casa da infância, meus pais, irmãos queridos, meu companheiro de anos, meus filhos pequenos, passeios, viagens, risos pelo ar, sem preocupações maiores, a não ser preparos de aulas, deveres de dona de casa e os cuidados rotineiros com as crianças.

Os anos passaram, o corpo curvou-se e os cabelos embranqueceram.

Uma reviravolta na vida, pouca coisa resta dessa fase, apenas lembranças, saudades, tristeza e a impossibilidade de retorno, ou mudança.

Fecho a janela da casa e dos pensamentos... Mas resta a coragem da caminhada e de enfrentar a poeira da estrada.

## **ZÉ BARRIGUDINHO E A GARÇA BRANCA**

Neguinho, todo entusiasmado, dizia ao seu amigo, Zé Barrigudinho, encardido da poeira da estrada vermelha:

-Zé, é pra hoje... cê é gente valente, seja corajoso, como Conga, que não teme gato, nem rato...e abocanha qualquer um que atazana. Já sabe, engole a piabinha viva, deixe ela nadá no estômago,e cê se atira no rio, batendo o braço e a perna, feito um cachorrinho. Pronto! Já tá nadando... e vai pegar os peixinhos pra tudo qué lado. De barrigudinho, cê vai ficar barrigudão.

Engoliu? É pra agora... Pula, pula... o rio tá te chamando.

Neguinho viu-o afundar. Esperou, esperou, mas nada dele aparecer.

-Ichi! Será que vai ficar lá no fundo?

As lágrimas escorriam, não sabia o que fazer. Chamou Conga para ajudá-lo:

-Conga, Conga, vai atrás do Zé!

Olhava pras pedras: "quem sabe tá brincando comigo, escondido atrás das pedras lá no meio das águas".

Já ia desistir... "nada posso fazê, nada posso fazê...ele afundou".

Chamou Conga e chorando alto se agarrou no seu pescoço.

De repente, lá longe, viu uma garça muito branca, voando baixo sobre o rio, indo em direção a outra margem.

Mas que surpresa! Olhou, olhou bem... Entre suas asas, observou alguém abanando as mãos.

E, num grito de alegria, berrou:

-Barrigudinho, cê conseguiu, cê conseguiu!!!

Pulava que pulava, enquanto Conga sacudia o rabinho e latia sem parar.